



CIÊNCIA, ESCOLA E SOCIEDADE EM TEMPOS DE NEGACIONISMO E OBSCURANTISMO

João Carlos da Silva
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE (Brasil)
Endereço eletrônico: joao.silva@unioeste.br

818

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objeto de investigação a educação científica, problematizando seus desafios na contemporaneidade, marcado pelo obscurantismo. Tem como objetivo abordar as bases metodológicas e epistemológicas da ciência moderna. O negacionismo está no poder e vem conquistando mentes e corações como política de estado, no combate à ciência mediante a promoção deliberada da ignorância, da desinformação, denominada de agnotologia.

Estudos apontam que as redes sociais no Brasil estão se tornando meios de difusão do negacionismo. O terraplanismo é exemplo disso com alcance mundial em que as convicções religiosas vêm se sobrepondo ao saber científico. A ciência como salvação talvez tenha sido o mito mais significativo produzido pela modernidade. Foi para ela que os utopistas, entre eles Thomas Morus (1478-1535), Tommaso Campanella (1568-1639) e Francis Bacon (1561-1626), principalmente este último, direcionaram todas as suas esperanças, sendo considerada como a chave capaz de resolver todos os enigmas da sociedade humana.

Foi no contexto do Renascimento, no século XIV, que se desencadeou um movimento de crítica e de revisão das ideias presentes naquele momento histórico, sendo difundido por toda a Europa. Foi sobretudo uma nova atitude intelectual frente à vida, um processo de reflexão acerca dos problemas humanos e, ao mesmo tempo, de indicação de solução.

Este artigo aborda os aspectos históricos da ciência e a crença no seu poder de mudança na sociedade, em tempos de obscurantismo. Em seguida pontua os desafios a serem enfrentados pela escola pública e seus profissionais, tendo como horizonte, a divulgação científica como uma atividade de democratização do conhecimento, como perspectiva de emancipação humana.



METODOLOGIA

Para atingir seus objetivos, este estudo está centrado na pesquisa bibliográfica, a partir dos clássicos e seus aportes teóricos. Partiremos dos enunciados de ciência formulados por Francis Bacon em que estabelece uma sua *Instauratio Magna* reivindicando dignidade do saber, cujo vínculo entre dignidade da ciência e o progresso humano seria constante. (BACON, 1947). Em Adorno & Horkheimer (1985), iremos problematizar o elemento ideológico presente no ideário de ciência moderna. Mediante esses elementos abordaremos o aspecto doutrinária de ciência e explicitaremos à sua crítica realista.

O fanatismo pela ciência, tão presente entre os modernos, acabou atribuindo a ela o papel de salvação dos enigmas presentes na vida. Como considera Gramsci (1981, p.71), "O progresso científico fez nascer a crença e a espera de um novo messias, que realizará nesta terra o país da Felicidade".

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pandemia da COVID 19, de um lado, provocou afastamento e isolamento social, de outro, lançou a sociedade nas redes sociais, nas plataformas digitais como nunca na história da humanidade. Neste cenário, as redes sociais tornaram-se espaços caracterizados por muitas controversas, locais de entretenimento, de compartilhamento de ideias e visões de mundo, mas também campo de disseminação do negacionismo científica e da ignorância.

O negacionismo científico procura defender o indefensável: a valorização cega da ignorância e do “achismo” em detrimento do conhecimento científico, com o objetivo de confundir e manipular a opinião pública, criando um terreno propício às *fake News*.

Estamos numa luta sem igual na história contra o negacionismo, ao desmonte da ciência e da produção científica, cujo acontecimento. Tal obra não é ação de um governo, mas de um projeto de sociedade. O advento da ciência moderna, sob a égide do racionalismo cartesiano, trouxe uma verdadeira revolução nas ideias científicas, especialmente no campo da física, tendo à frente Galileu. A exaltação de uma filosofia prática levou à formulação de um novo modelo de conhecimento, fundamentado na intervenção do homem sobre a natureza.



No contexto renascentista, *reformatar* foi palavra-chave, pois a época era marcada por um processo de transformação das relações sociais. Foi uma luta pela redefinição da sociedade sobre novos alicerces. O termo *Reforma* ganhou um sentido radical, para recolocar a sociedade sobre novas bases científicas e filosóficas. Os utopistas, no mesmo instante em que mostravam um profundo desencanto com o passado, afirmavam um novo encanto com a ciência, em consonância com os tempos modernos, em que a burguesia se colocava como classe emergente.

A ciência tinha a função de educar os indivíduos no sentido de organizar uma sociedade de excelência, considerada provedora do bem-estar social. A proposta educacional de Bacon, portanto, fundava-se na busca pelo conhecimento total. Bacon não atribuiu à organização social e econômica a responsabilidade pela prosperidade social, mas seu segredo consistia na existência de uma instituição principal denominada *Casa de Salomão*, fundada no trabalho de seus membros. Tratava-se de uma comunidade de cientistas, responsáveis pelo controle e aplicação da ciência, local onde viviam e trabalhavam os sábios da *Nova Atlântida*. Era uma civilização aberta aos novos conhecimentos e ao mundo. Valorizavam inclusive o comércio, não somente para apropriar-se de mercadorias, mas "*para obter luz do desenvolvimento de todas as partes do mundo*".

Neste sentido, para um indivíduo tornar-se sábio não era necessário buscar nos livros. Bastava, tão somente, estudar e interpretar o grande livro que é a natureza, procurando desvendar todos os seus segredos. "Intensamente consciente deve ser um reformador, o grande propósito de Francis Bacon é a exploração dos limites e das potências da inteligência humana no seu exercício, incentivo e na sua capacidade de proporcionar, mediante empenho, novas descobertas" (SPINELLI, 1990:181).

Ao considerarmos o componente religioso presente nos ideais nos séculos XV e XVI, não pretendemos afirmar que a modernidade sobreviveu imersa apenas nos acontecimentos teológico-eclesiásticos. Como considera Engels (1981), a grande cruzada empreendida pela burguesia contra o feudalismo deu-se, basicamente, por três grandes frentes de batalha, a saber: a primeira, conhecida como Reforma protestante, liderada por Lutero contra a Igreja, coração do feudalismo; a Revolução Gloriosa de 1689 na Inglaterra, quando a burguesia se alojou definitivamente no Estado Inglês e, finalmente, a terceira grande rebelião deu-se com o processo da Revolução Francesa (1789), "a primeira que se despojou totalmente do manto religioso, travando a batalha no campo político aberto".(ENGELS, 1981, p. 18)



O elemento religioso, nos séculos XV e XVI, fazia-se muito presente no pensamento pedagógico. O mundo continuava sendo entendido como obra sagrada, nas palavras de Engels: "A ciência achava-se ainda profundamente imersa na teologia" (Introdução à dialética da natureza. p. 255).

Marx (2002) acusa a economia política burguesa de ser a ciência da riqueza, da renúncia, das privações: do ar puro, comer, beber, comprar livros, ir ao teatro, ou ao baile, ao bar, quanto menos cada um, pensar, amar, teorizar, cantar, pintar e poetar. No interior da sociedade burguesa, a luta de classes é travada como um embate que se realiza nas esferas econômica, política e ideológica.

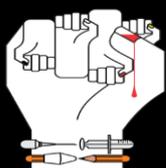
Em *A Ideologia Alemã*, Marx & Engels, formulam que as ideias dominantes são as ideias da classe dominante. Portanto, a luta ideológica caracteriza-se pela luta das classes para fazerem valer suas ideias:

[...] A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe igualmente dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são recusados os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante. Os pensamentos dominantes são apenas a expressões das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de idéias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante [...] (MARX & ENGELS, s.d., p.56).

As tentativas de evitar a crise e seu aprofundamento foi uma demonstração clara de que a ordem burguesa estava sendo vítima de sua contradição, ou seja, a incompatibilidade entre as relações entre proprietários e não proprietários dos meios de produção.

CONCLUSÕES

No interior da sociedade capitalista, o saber tornou-se componente de uma estrutura burocrática, como instrumento de dominação das classes exploradas, em que o pensar e o decidir são privilégios de uma elite. A burocracia, ao controlar o trabalho e as formas de pensar, fez do conhecimento um segredo, um mistério a ser desvendado por poucos. Idolatrando autoridades, exalta as regras rígidas e conservam tradições. A abertura de espírito ou das mentalidades em relação ao Estado aparece, portanto, como uma traição deste mistério, cujo circula ninguém escapa.



Em face das análises, e do cenário atual marcado pelo negacionismo e obscurantismo, alguns desafios se colocam contra três narrativas que estão crescendo na sociedade: 1. De que a escola não é importante, portanto, de que ela não é necessária na formação humana; 2. Que ela deve preparar para o trabalho; 3. Lutar contra a substituição da escola pela inteligência artificial/tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência. Sociedade. Escola. Negacionismo.

822

REFERENCIAS

ADORNO & HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BACON, Francis. **Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza.** Trad. José Aluysio Reis de Andrade. 2 ed. São Paulo: Victor Civita, 1979. (Os Pensadores), p. 13-231.

BACON, Francis. **Nova Atlântida.** Trad. José Aluysio Reis de Andrade. 2 ed. São Paulo. Victor Civita, 1979. (Os Pensadores), p. 239-72.

BACON, Francis. **Del adelanto y progreso de la ciencia divina y humana.** Trad. F. Jorge Castilla. Buenos Aires: Editorial Lantaró, 1947.

ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico.** Trad. Roberto Goldkorn. 4. ed. São Paulo. Global, 1981.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Trad. Carlos Nelson Coutinho. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

GRAMSCI, A. **A concepção dialética da História.** Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Martin Claret, 2002. (Col. A obra prima de cada autor).

Realização:



Apoio:

